

Nicolaus von Autrecourt: *Briefe*: lat. – dt.. Neu hrsg. von Ruedi Imbach u. Dominik Perler. Uebers. u. eingeleitet von Dominik Perler, Felix Meiner, Hamburg, 1988.

Marcio Chaves-Tannús*

1. O Autor

Nicolas d'Autrecourt (Nicolaus de Ultricuria ou ainda: *Autricuria*) nasceu cerca de 1300 na diocese de *Verdun*. Por volta de 1330 era estudante na *Universidade de Paris* onde obteve o título de "Magister in artibus, Baccalarius et Licenciatus in theologia". Sua carreira docente, ele a inicia, como era hábito na época, comentando as sentenças de *Petrus Lombardus*. Em março de 1338 recebe uma bolsa da escola paroquial de *Metz* que lhe possibilitou uma maior liberdade de movimentos e a extensão de sua atividade docente a várias escolas superiores.

Por defender pontos de vista não ortodoxos, *Nicolaus* já havia chamado a atenção sobre si tanto na época das disputas teológicas na *Sorbonne*, no período final de seus estudos, como posteriormente em seus comentários às sentenças. A reação das autoridades eclesásticas ocorre sob a forma de uma carta do papa *Benedito XII* ao arcebispo de *Paris*, instruindo-o a enviar *Nicolaus*, e alguns outros mestres, dentro de um mês a *Avignon*. Nesta cidade, então sede da residência papal, as doutrinas por eles propagadas, e tidas por suspeitas, deveriam ser submetidas a rigoroso exame. Com a morte subsequente de *Benedito XII*, o processo só será iniciado por seu sucessor

Clemente VI, o que oficialmente acontece no dia 19 de julho de 1342. Nesta data é nomeada uma comissão de eruditos e dignitários da igreja encarregados de proceder, sob a direção do cardeal *Wilhelm Curti*, ao exame das doutrinas em questão.

Nicolaus é condenado e a 25 de novembro de 1347 seus escritos são queimados publicamente em *Paris*. Seu título de mestre lhe é retirado, ele é expulso do corpo docente da universidade e proibido de voltar a assumir qualquer cargo e exercer qualquer função de natureza acadêmica. Aqueles que se recusassem a acatar tal decisão poderiam ser punidos com a excomunhão.

No dia 26 de agosto de 1350 *Nicolaus* foi nomeado decano da catedral de *Metz*. Após esta data não se teve mais notícias suas.

2 A edição

A presente edição publica duas cartas de *Nicolaus* ao monge franciscano *Bernardo de Arezzo*, uma carta de um desconhecido, de nome *Egidius*, a *Nicolaus*, sua resposta a *Egidius* e as teses condenadas. Os textos são publicados em latim, acompanhados da tradução alemã.

Além dos textos, esta edição contém um pequeno prefácio, uma longa e detalhada introdução, uma lista bi-

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

bliográfica, observações à edição das cartas e um índice remissivo bilíngüe.

A lista bibliográfica é composta de duas partes e cada uma delas é dividida em duas outras. A primeira, dedicada à literatura primária, relaciona as edições e traduções das obras de *Nicolaus*. A segunda relaciona as monografias e os artigos sobre o autor e sua obra.

Nas observações à edição das cartas, o editor justifica a necessidade de uma nova edição e expõe os critérios de seu próprio trabalho editorial.

Tecnicamente impecável, há nesta edição, contudo, aspectos que poderão causar estranheza ao leitor brasileiro. Na introdução, por exemplo, há trechos citados, apenas no original, em três outras línguas além do alemão e do latim.

3. A obra

No centro da obra de *Nicolaus* estão duas questões, ambas de natureza epistemológica, e intimamente relacionadas entre si. A primeira diz respeito à evidência do conhecimento humano. A segunda, à possibilidade de sua fundamentação.

Na primeira carta a *Bernado*, *Nicolaus* reproduz as teses de seu adversário para, a seguir, examiná-las e conduzi-las ao absurdo.

De acordo com *Nicolaus*, a posição de *Bernado* desemboca, de forma inevitável, em uma aporia seguramente involuntária e indesejada: se para *Bernado* não podemos estar certos nem da existência do sujeito, nem da do objeto

do conhecimento, então o ceticismo é inelutável, a epistemologia vazia de significado.

Para *Nicolaus*, a existência tanto de um como de outro é evidente. Esta evidência, no entanto, nos é garantida por nossa experiência cotidiana e não pela epistemologia.

Na segunda carta, *Nicolaus* formula sua própria posição de maneira mais explícita. Para ele existem dois tipos de evidência: a empírica, que nos é dada pela percepção sensível imediata e única de nossos atos e dos objetos materiais, e a lógica, que nos vem do princípio da não contradição. Não há, para ele, causalidade e toda generalização de caráter indutivo é apenas provável. Desta posição decorre, segundo *Dominik Perler*, uma crítica radical à teoria aristotélica dos acidentes e substâncias.

Na sua carta a *Nicolaus*, *Egidius* tenta, utilizando-se para tanto de argumentos de natureza psicológica, mostrar a *Nicolaus* que seu empirismo lógico gera exatamente o que ele reprovara a *Bernado*: o ceticismo.

Em sua resposta, *Nicolaus* recusa, como inadequada, a abordagem psicológica do ato de percepção realizada por *Egidius*, explícita e precisa sua negação do conceito de causalidade e procura mostrar que entre sua posição e a de *Egidius* existem mais diferenças de terminologia do que de opiniões.

No início do trecho da introdução, dedicado às teses condenadas, *Dominik Perler* observa que é aconselhável ordená-las para adquirir clareza e poder

separar as que realmente são do autor das que lhe foram injustamente atribuídas. Nestas circunstâncias, não nos deve surpreender o fato de que a defesa de *Nicolaus* tenha consistido na

afirmação de que o conteúdo de suas teses era de importância menor, e que a utilidade e o objetivo únicos destas era fornecer à técnica de discussão uma oportunidade de exercício.